

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Trabalho de Fim do Curso

Tema:

**Relacionamentos, práticas sexuais e exposição ao risco de ITS
e HIV: Uma análise a partir de um grupo de jovens na cidade
de Maputo**

Candidato: Teodósio José Afonso

Supervisor: dr. Emídio Gune

Maputo, Outubro de 2011

Relacionamentos, práticas sexuais e exposição ao risco de ITS e HIV: Uma análise a partir de um grupo de jovens

Relatório de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia

Candidato: Teodósio José Afonso

Supervisor: dr Emídio Gune

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Outubro de 2011

Índice

Índice	3
Declaração de Honra	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Lista de Abreviaturas	iv
Resumo	v
I. Introdução.....	1
II. Método e técnicas de pesquisa	4
2. 1. Perfil dos entrevistados.....	5
III. Tipos de relacionamentos sexuais	9
IV. Práticas sexuais e gestão de relacionamentos múltiplos	15
4.2. Práticas sexuais.....	15
4. 3. Gestão de relacionamentos múltiplos.....	17
V. Riscos da multiplicidade de parceiros e práticas sexuais face as ITS e ao HIV	19
VI. Considerações finais.....	22
Referências	23

Declaração de Honra

Eu, Teodósio José Afonso, declaro por minha honra, que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado, na sua essência por nenhum outro estudante para a obtenção de qualquer grau académico. O mesmo é resultado de minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

.....

Teodósio José Afonso

Maputo, Novembro de 2011

Dedicatória

À minha mãe, Lily Armando, que sempre me apoiou ao longo dos meus estudos. A minha irmã, Isabel, ao falecido colega, Azarias Muthemba, que pelas circunstâncias da vida não concluiu o curso de graduação.

Agradecimentos

A realização desse trabalho significou uma oportunidade de rever posições e descobrir realidades diferenciadas, com ajuda de muitas pessoas, a quem quero agradecer. Agradeço ao meu supervisor, dr. Emídio Gune pelas discussões que enriqueceram o trabalho. Tenho também um enorme sentimento de gratidão ao dr. Elísio Jossias pelas suas valiosas contribuições, dedicação e paciência. Agradeço ao corpo docente de curso de graduação em Antropologia, pelos ensinamentos, dedicação e entusiasmo.

Agradeço a todos os jovens que aceitaram conceder-me entrevistas, importante contribuição com as suas respostas para as questões formuladas, possibilitando deste modo a viabilidade do meu trabalho de pesquisa.

Agradeço também a todos os colegas de turma, que com seu bom humor e dedicação, sempre tornaram as aulas mais divertidas e produtivas.

Aos meus pais José Afonso e Lily Armando, pelo amor e pelos princípios de honestidade e responsabilidade que me ensinaram. Sou particularmente grato às valiosas contribuições dos amigos em especial ao Arrissis Mudender, Élio Mudender, Celso Soares e Katya Chavel durante a pesquisa.

Por fim, agradeço as pessoas que me fizeram ser o que sou e que sempre me ensinaram, a encontrar uma coisa nova a cada dia meus irmãos Ángila, Silvério, Élia, Délcio e Ruth, tios António (Bonibo), Patrício (Trawas), primos e amigos: Baltazar, Gil, Edérito, Joel, Alegria, Bô, Zema Munhiwa, Nanda, Cebola, White, Adelino, Stivel e Kavenha.

A todos, o meu muito obrigado!

Lista de Abreviaturas

- ITS Infecção de Transmissão Sexual
HIV Vírus de Imunodeficiência Humana
SIDA Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
HSH Homens que fazem sexo com outros homens

Resumo

O presente estudo analisa relacionamentos, práticas sexuais e a exposição ao risco de infecção por ITS e HIV, entre um grupo de jovens de ambos sexos. Os resultados da pesquisa permitem concluir que os jovens envolvem-se em três tipos de relacionamentos sexuais, nomeadamente saca-cena, amizade íntima e namoro. Nestes relacionamentos os jovens combinam alternadamente saca-cena, amizade íntima e namoro, cada um dos quais com um conjunto diferenciado de práticas sexuais. Assim, nos relacionamentos de saca-cena e amizade íntima os jovens praticam sexo oral, vaginal e anal. No relacionamento de namoro os jovens praticam sexo oral e vaginal. Nestes relacionamentos o preservativo depois de ser usado numa fase inicial durante a prática do sexo vaginal e anal, o mesmo deixa de ser usado com a evolução da relação, isto acontece num contexto marcado por infecção de ITS e HIV. O facto de estes jovens praticarem sexo anal, vaginal e oral onde os mesmos não fazem o teste de HIV, sem o uso de preservativo e de e terem vários parceiros sexuais contribuem para o aumento da exposição desses jovens ao risco de infecção por ITS e HIV.

Palavras-chave: Relacionamento, práticas sexuais, risco de infecção.

I. Introdução

O presente relatório de pesquisa analisa relacionamentos, práticas sexuais e a exposição de risco¹ de infecção por ITS e HIV entre um grupo de jovens², de ambos sexos. A literatura existente sobre relacionamentos sexuais que envolvem múltiplos parceiros e sua exposição ao risco de infecção por ITS e HIV tem buscado explicações para aumento de exposição ao risco de infecção por ITS e HIV.

A questão da sexualidade e da exposição do risco como construções sociais marca uma mudança significativa na pesquisa sobre sexualidade (Parker e Gagnon, 1995). A nível macro, as sociedades se envolveram em um processo activo de construir o que é uma prática sexual adequada para indivíduos com base em implícitos e explícitos conjuntos de regras (Dowsett et al. 1998). A nível individual, os estudos de comportamento sexual têm ignorado a sexualidade e as pressões sociais que levam as pessoas a se comportam de diferente maneira face as relações sexuais (Karlyn, 2005).

De acordo com Rasool (2009) e Mrisho (2009) a maior exposição ao risco de infecção por ITS e HIV em homens e mulheres na África Subsaariana é explicada por crenças segundo as quais as mulheres no período da amamentação não podem fazer relações sexuais porque o leite materno estará contaminado e durante esse período tolera-se que os homens envolvam-se com outras parceiras sexuais. Nessa sequência os homens encontram envolvidos com muitas parceiras, o que do ponto de vista destes autores aumenta a probabilidade de infecção por ITS e HIV.

No contexto moçambicano os estudos sobre relacionamentos sexuais, práticas sexuais e exposição a infecção por ITS e HIV podem ser agrupados em duas linhas. Os estudos que analisam relacionamentos heterossexuais concluem que jovens que envolvem-se com múltiplos parceiros aumentam o seu risco de exposição a infecção por ITS e HIV. Esses estudos ajudam-nos a compreender que quanto maior for o envolvimento com parceiros múltiplos, maior é o risco de infecção por HIV (N´weti, 2009).

¹ O risco é entendido como sendo a probabilidade que um indivíduo tem de contrair uma infecção, perante a exposição a um organismo patológico, como ITS ou HIV (UNAIDS, 1994:4).

² O termo jovem é vivenciado e significado de várias maneiras, dependendo do contexto cultural, da classe social e entre outros factores socioculturais.

A segunda linha fala sobre relacionamentos homossexuais. Esses estudos ajudam-nos a compreender que a maior parte de homens que fazem sexo com outros homens (HSH) envolvem-se em parceiros múltiplos e que tem prática de sexo anal sem preservativo e que apenas alguns é que percebiam o risco de se infectarem pelo HIV (Funari, 2003; Lambda, 2010).

Os estudos acima referenciados, olham para a influência em redes de parceiros múltiplos e práticas sexuais como as que contribuem para maior exposição ao risco de infecção por ITS e HIV. Todavia, pouco exploram como essas práticas sexuais acontecem com os homens e com as mulheres e quais são os tipos de relacionamentos, práticas sexuais que são envolvidas independentemente do número de parceiros bem como os mecanismos de gestão que enformam as mesmas.

Neste contexto analisamos a articulação entre formas de relacionamentos, práticas sexuais e a exposição de risco de infecção por ITS e HIV entre um grupo de jovens. Para tal como objectivos específicos identificamos e descrevemos os tipos de relacionamentos e práticas sexuais; gestão de múltiplos parceiros e por último analisamos os riscos da multiplicidade de parceiros com especial enfoque às práticas sexuais face as ITS e ao HIV.

O trabalho segue a teoria de vulnerabilidade apresentada por Mann et al (1992) que postula que o quadro de referência para avaliação da Vulnerabilidade a infecção pelo HIV é definido por três planos interdependentes de determinação nomeadamente a vulnerabilidade individual; vulnerabilidade social e vulnerabilidade programática. Para Barbosa e Parker a teoria de vulnerabilidade fornece elementos para avaliar objectivamente as diferentes probabilidades que cada indivíduo ou grupo populacional particular tem de se contaminar, dado o conjunto formado por certas características individuais e sociais de seu quotidiano, julgadas relevantes para maior ou menor probabilidade de protecção diante do problema (Barbosa e Parker, 1999).

Deste modo o uso da teoria de vulnerabilidade foi importante na medida em que permitiu-nos identificar e compreender certos comportamentos sexuais de jovens que favorecem ou reforçam os comportamentos e práticas sexuais e a exposição ao risco inerente a eles.

O trabalho está dividido em quatro partes. A seguir a introdução apresentamos os métodos e técnicas usadas para darem forma ao objecto de estudo. Nesta parte, fazemos referência ao lugar em que a pesquisa decorreu, os participantes, o método e as técnicas usadas na recolha de dados.

Na terceira parte, fazemos a análise dos dados, em articulação com conceitos apresentados neste trabalho. Ainda nesta parte, apresentamos e discutimos alguns discursos dos estudantes, com destaque para os relacionamentos, práticas sexuais, gestão de parceiros múltiplos, riscos da multiplicidade de parceiros e práticas sexuais face as ITS e HIV. Por último apresentamos as considerações finais

II. Método e técnicas de pesquisa

Nesta parte de trabalho apresentamos o método e técnicas de pesquisa que serviram de base para darem corpo ao trabalho. Nesta sequência optamos por uma perspectiva qualitativa e como técnicas de recolha de dados utilizamos as entrevistas individuais em profundidade e conversas informais. Para registo das informações usamos o diário de campo.

O trabalho foi realizado em três fases. Na primeira procedemos a um levantamento bibliográfico em algumas bibliotecas da cidade de Maputo, nomeadamente no Centro de Estudos Africanos (CEA), Biblioteca Central Brazão Mazula e consultas em algumas bibliotecas electrónicas, esta etapa do trabalho foi realizada de Abril a Junho de 2010.

A segunda fase do trabalho ficou reservada a pesquisa etnográfica, em que foi realizada a recolha de dados no Xima Bar, localizada no Bairro de Alto-Maé, na Cidade de Maputo. Nesta fase o trabalho de campo foi realizado em dois momentos, o primeiro ocorreu entre Julho e Agosto de 2010, e o segundo entre o mês de Dezembro de 2010 e Janeiro de 2011.

Com base na pesquisa etnográfica pretendíamos compreender os significados e percepções que os jovens têm sobre seus relacionamentos e práticas sexuais. Neste contexto esta ajudou-nos a compreender a “perspectiva do agente social”, o que significa observar o mundo a partir da perspectiva de um membro daquela sociedade (Helman, 1994:26).

Nesta perspectiva buscamos transmitir a visão dos interlocutores de forma interactiva com as ferramentas analíticas antropológicas, como nos lembra Malinoswiski (1978) “um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação directa e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as interferências do autor” (Malinoswiski, 1978:18).

O uso das entrevistas individuais em profundidade foi por considerar-se que através destas, poderíamos conseguir uma maior abertura com os jovens e maior profundidade de algumas questões que pretendíamos compreender destes, o que conseqüentemente, garantiu-nos maior leque de informações sobre tipos de relacionamentos e práticas sexuais.

As conversas informais possibilitaram com que houvesse um ambiente de abertura e de certa empatia entre o pesquisador e os jovens. De igual modo, o uso de caderno de campo foi importante para o registo de aspectos e acontecimentos que decorreram ao longo da pesquisa e que contribuiram para o enriquecimento do estudo. Goldemberg (1997) lembra-nos que ao usarmos entrevistas individuais, conversas informais convêm termos em mente que estamos a lidar com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e por fim a imagem que quer projectar de si mesmos e dos outros.

A opção por estas técnicas de investigação prendeu-se pela vontade e necessidade de produzirmos uma maior quantidade de dados de forma diferenciada, o que vai ao encontro de Trivinos (1987), que reitera que “estas técnicas permitem não banalizar os dados que são relevantes para o estudo em questão e, simultaneamente ao valorizar a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo, deste modo, a investigação” (Trivinos, 1987:146).

Na terceira fase analisamos e interpretamos os dados e cruzamos com as informações colhidas em obras consultadas durante a pesquisa bibliográfica. Esta fase permitiu conciliar a base teórica do estudo e obter um ponto de referência para a análise de dados.

2. 1. Perfil dos entrevistados

Nesta parte do trabalho apresentamos o perfil dos entrevistados. Assim, contemplaram variáveis como sexo, idade, religião, estado civil, residência. Com estes pretendemos verificar se exercem alguma influência no comportamento dos jovens em relação a

prática sexual e as suas trajectórias de vida enquanto reveladoras de experiências de práticas sexuais e relacionamentos diferentes.

Como uma forma de preservar a privacidade das pessoas envolvidas no trabalho de campo, a pesquisa adoptou nomes fictícios. Se por ventura aparecer o nome de alguém conhecido/a é uma mera coincidência.

O primeiro perfil a ser apresentado é o da Ana, jovem que tem 25 anos de idade, residente no Bairro Central. Professa a religião Católica Romana. Ela não tem namorado. Actualmente frequenta o 4º ano do curso de medicina na Universidade Eduardo Mondlane. Nos tempos livres passeia, conversa com amigos e gosta de frequentar discotecas e festas na companhia dos amigos. Iniciou a sua vida sexual aos 14 anos de idade. Ela afirma que conhece os métodos contraceptivos dentre os quais o preservativo. Usa o preservativo nas relações sexuais para evitar as ITS, HIV e gravidez não desejada.

O segundo, Dércio, um jovem que tem 24 anos de idade. Tem como sua residência o lar dos Caminhos-de-ferro de Moçambique vulgarmente chamado por Pousada. Professa a religião protestante Assembleia de Deus. Tem namorada. Estudante do 4º ano do ensino superior no curso de psicologia na Universidade Pedagógica. Nos tempos livres gosta de conversar, ler um livro e passeia com os amigos na praia, festas e discotecas. Iniciou a sua vida sexual aos 10 anos de idade. Sempre leva na sua carteira o preservativo mas, afirma que tem praticado relações sexuais sem o uso de preservativo quando não o tem por perto.

O terceiro, Solange, jovem que tem 21 anos de idade. Actualmente vive no Bairro de Alto-Maé. Professa a religião Católica Romana. Ela tem namorado. Estudante da Universidade São Tomás de Moçambique neste momento encontra-se a fazer 2º ano de curso de Gestão e Contabilidade. Nos tempos livres gosta de estar com os amigos ouvir música ao vivo nas casas de pasto. Iniciou a sua vida sexual quando tinha 16 anos de idade. Fala de sexualidade com as amigas e amigos incluído o namorado. Conhece o preservativo e usa de forma inconsistente.

O quarto, Ancha, tem 23 anos de idade. Vive no Bairro de Polana Cimento. Ela é muçulmana. Tem namorado. Estudante do 3º ano do curso de Medicina Dentária no Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique. Nos tempos livres gosta de assistir filmes, escutar musica, ler romance e passear com os amigos. Ouviu falar sobre relações sexuais quando tinha 8 anos de idade e começou com 19 anos. Tem falado da sexualidade com amigas, amigos e os pais. Conhece os métodos contraceptivos. Usa o preservativo nas relações sexuais para evitar ITS e HIV e gravidez não desejada.

O quinto, João, jovem que tem 21 anos de idade. Tem sua residência situada no Bairro de Jardim. Vive com os pais. Tem namorada. Simpatiza-se com a igreja Católica Romana. É estudante do 2º ano do ensino superior do curso de Administração Pública, na Universidade Eduardo Mondlane. Nos tempos livres gosta de tirar *stress* nas festas e discotecas na companhia dos seus amigos e amigas. Aos 12 anos iniciou a sua vida sexual. Tem conhecimento de ITS e HIV mas, usa o preservativo ocasionalmente.

O sexto, Beto, tem 23 anos de idade. Vive actualmente com os pais no Bairro de Malanga. Professa igreja protestante Testemunha de Jeová. Tem namorada. Estudante de 3º ano de curso de Direito na Universidade Eduardo Mondlane. Nos tempos livres gosta de conversar e beber cerveja com os amigos nos bares e discotecas. Começou a sua vida sexual quando tinha 14 anos de idade. Tem o cuidado de usar sempre o preservativo nas relações sexuais mas, quando está com a namorada e não tem por perto o preservativo acaba fazendo relações sexuais sem o mesmo.

O sétimo, Aurélio, jovem que tem 23 anos de idade. Ele reside na Pousada dos Caminhos-de-ferro de Moçambique. Professa a religião protestante Assembleia de Deus. Actualmente frequenta o 2º ano do curso de Química na Universidade Pedagógica. Tem namorada. Nos tempos livres gosta de estar em casa, ler um livro, conversar com a namorada e amigos e tomar cerveja. Teve sua primeira relação sexual quando tinha 12 anos de idade. Afirma que quando tem relações sexuais com a namora nem sempre usa o preservativo, mas tem o conhecimento de doenças de transmissão sexual.

O oitavo, Vanda, jovem de 22 anos de idade. Vive na Pousada dos Caminhos-de-ferro de Moçambique. Professa a religião Católica Romana. Ela tem namorado. Estudante do

ensino superior, está neste momento a fazer 2º ano de curso de ensino de filosofia na Universidade Pedagógica. Nos tempos livres gosta de passear nas festas e discotecas com as amigas e amigos. Teve a sua primeira relação sexual aos 15 anos de idade. Nas suas relações sexuais usa o preservativo para evitar ITS, HIV e gravidez não desejada mas, afirma também que caso o parceiro não tenha o preservativo fazem relações sexuais sem o mesmo e depois vai tomar a pílula de dia seguinte.

O nono, Gube, tem 25 anos de idade. Vive actualmente no Bairro de Alto-Maé. Professa a igreja protestante 'Universal'. Tem namorada. É estudante do 4º ano do curso de gestão na universidade Pedagógica. Nos tempos livres gosta de assistir televisão, passear e beber cerveja no bar e discotecas na companhia dos amigos. Aos 12 anos teve sua primeira relação sexual. Leva sempre que possível na sua carteira o preservativo mas, afirma que usa ocasionalmente.

O décimo, Sónia, jovem de 23 anos de idade. Encontra-se a viver no Bairro de Malhangalene. Reza na igreja Católica Romana. Ela tem namorado. Estudante do ensino superior, está a fazer o 2º ano do curso de Psicologia na Universidade Pedagógica. Nos tempos livres gosta de assistir novelas, ir ao teatro com o namorado e beber cerveja na companhia das amigas. Iniciou a sua vida sexual aos 14 anos de idade. Usa o preservativo de forma inconsistente.

Por último, Mércia, tem 20 anos de idade. Vive actualmente na residência feminina (Tangara) no campus universitário da Universidade Eduardo Mondlane. Professa a igreja Católica Romana. Tem namorado. Está a frequentar o 2º ano de curso de sociologia. Nos tempos livres gosta de passear nas festas e discotecas com amigas. Começou a sua vida sexual aos 16 anos de idade. Relativamente ao preservativo afirma que apesar de saber da sua importância na prevenção de doenças e gravidezes não desejadas, usa o de forma inconsistente.

III. Tipos de relacionamentos sexuais

Nesta parte do trabalho identificamos e caracterizamos os tipos de relacionamentos. A caracterização de cada tipologia de relacionamento sexual é feita tendo em conta a durabilidade da relação, o sentimento, número de parceiros envolvidos e a previsibilidade ou não do término da relação. A pesquisa revela que existem três tipos de relacionamentos sexuais. Saca-cena, Amizade íntima e o Namoro. Assim, começamos por caracterizar saca-cena, seguido de amizade íntima e por último o namoro.

Saca-cena é uma relação que consiste em sexo ocasional com um parceiro/a com o qual encontram-se em locais públicos, como bares, discotecas, ou mesmo na rua, em que as qualidades fundamentais apreciadas são a beleza e a postura física.

O saca-cena é um relacionamento que tem uma variação de intensidade, durante um tempo os parceiros envolvidos podem encontrar-se com muita frequência e num outro momento estes podem encontrar-se menos. Os indivíduos envolvidos pouco sentem uma obrigação em continuar com a relação e após a consumação do acto sexual estes podem voltar a se encontrar assim como podem não se encontrar:

“ Bom, para mim, sacar-cena é ter uma relação sexual em segundos. Por exemplo, eu tenho um namorado e, de repente, vou a uma festa com minhas amigas e lá me encontro com um jovem, talvez porque gostei do seu corpo ou a maneira dele de ser ou algo parecido. Sabendo que meu namorado não está por perto eu vou e saco-cena com o tipo naquele momento e a coisa acaba por ali. Nós dois não temos nenhum compromisso.” (Vanda, 22 anos, 4º ano do ensino superior, UP).

Neste discurso constatamos que o envolvimento em relacionamentos de saca-cenas pouco revela a existência de compromisso entre os parceiros e estes podem ter seus namorados/as. O relacionamento de *saca-cena* consiste também em sexo ocasional com um parceiro (a) com que se teve uma interação a algum tempo atrás e voltam a se encontrar, inesperadamente.

“ Saca-cena pode acontecer com alguém que já tiveste uma relação sexual e que por um motivo qualquer a relação terminou, no reencontro pode ocorrer saca-cena, mas isso não significa que vocês voltaram a namorar, não. (Dércio, 24 anos, 4º ano do ensino superior, São Tomás).

A partir desse discurso podemos compreender que o saca-cena incorpora também parceiros que algum tempo atrás se teriam envolvido numa relação sexual e que com o reencontro desses parceiros acaba-se relembrando “bons momentos” que estes tiveram e por fim acabam envolvendo-se sexualmente.

No relacionamento de saca-cena, assume-se que tanto os rapazes como as raparigas envolvem-se com mais de um parceiro/a dependendo da oportunidade que estes têm a nível de seu meio de sociabilidade.

Relativamente a saca-sena autores como Karlyn (2005) advogam que trata-se de um tipo de relação sexual de uma noite que consiste num sexo casual com até então um desconhecido, cujo encontro foi casual, podendo ser na rua, no bar ou numa discoteca. Este autor, refere ainda que no relacionamento de saca-cena existe um conjunto de regras implícitas, dando o exemplo do uso do preservativo como uma regra explícita, todavia pouco explica sobre as regras em referências.

Diferentemente de Karlyn (2005) os dados revelam que saca-cena não se resume apenas no envolvimento sexual com um parceiro desconhecido numa noite. Esta relação de saca-cena pode acontecer com parceiros que já se envolveram sexualmente e por algum motivo qualquer a relação desses parceiros terminou. O reencontro desses parceiros pode fazer com que estes voltem a manter relações sexuais.

O segundo tipo de relacionamento referido é amizade íntima. Trata-se de um tipo de relacionamento que se tem uma atracção por alguém com o qual se mantém simultaneamente uma relação de amizade e uma relação sexual. Espera-se que neste tipo de relacionamento sexual a durabilidade seja de meses ou anos.

A interpretação, percepção e caracterização da amizade íntima varia segundo o sexo. Para os rapazes, a ‘amiga’³ é muitas vezes alguém que é chamada para uma “curtição”, normalmente acontece quando o jovem pretende estar com uma rapariga diferente de sua namorada. Essa ‘amiga’ pode ser conhecida nos pares de amigos e familiares.

Por sua vez, as raparigas, quando tem um ‘amigo’, na maior parte das vezes este é conhecido pelas amigas mais próxima desta rapariga. Pois esta tem o medo que a sua relação com o namorado não termine:

“Bom, penso que para um rapaz ter uma amiga íntima não constitui novidade, isto porque existem dias que não está a fim de estar com a sua namorada, quer viver uma outra adrenalina acaba buscando esta amiga. As mulheres também têm amigos íntimos, mas elas os mantêm as escondidas porque, se forem descobertas, os seus relacionamentos de namorado correm o risco de se romper. Enquanto para o homem quando isso acontece a mulher é capaz de perdoar” (Mércia, 20 anos, estudante de 2º ano de ensino superior, UP).

Sobre a caracterização da amizade íntima podemos depreender que esta envolve duas pessoas sem compromisso e em alguns casos, embora possa assumir um carácter passageiro, neste relacionamento assume-se que os parceiros envolvidos para além desta relação cada um deles tem a sua relação com o seu namorado ou namorada que no entanto o término da relação não pode prejudicar os mesmos.

Por último, o namoro, trata-se de um tipo de relacionamento que envolve maior responsabilidade entre ambos. Onde a relação geralmente tem uma duração de meses ou anos.

Constatamos também que este tipo de relacionamento é caracterizado pelo sentimento que lhes une e a naturalidade com que os parceiros aparecem entre amigos sem nenhum receio. Assim, este tipo de relacionamento é mostrado de várias maneiras nas redes de sociabilidades em que os parceiros se encontram inseridos.

³ Amiga é designação dada a uma parceira na amizade íntima

Os envolvidos na relação podem beijar-se, trocar carícias, abraços e outro tipo de brincadeiras amorosas em frente aos seus pares, amigos e familiares, procurando deste modo mostrar o sentimento que tem um para com o outro:

*“ Quando estou com o meu namorado faço aquilo que me apetece na altura e não tenho receio e nem medo de ninguém porque ele é meu e eu sou dele”
(Solange, 24 anos, 2º ano de ensino superior, UP).*

A partir deste discurso apercebermos que existe, neste tipo de relacionamento, procedimentos que norteiam o funcionamento do namoro. Assim, a maior parte dos jovens diz que a namorada geralmente é conhecida na casa do namorado.

Por seu turno, na parte da família da namorada os procedimentos, são diferentes e exigem um conjunto de regras para que o parceiro seja reconhecido. Normalmente o namorado é recebido na casa da namorada após um longo período de namoro ou após uma cerimónia de oficialização do namoro, que envolve a participação de familiares do namorado (normalmente pessoas mais velhas):

“Eu, normalmente, saio com o meu namorado, mas é difícil dormir lá ou passar um fim-de-semana em casa dele. Isto porque o meu namorado ainda não é conhecido na minha casa” (Solange, 24 anos, 2º ano de ensino superior, UP).

Após a primeira cerimónia e reconhecidos socialmente com os familiares da namorada como sendo namorados, o rapaz pode visitar a família da namorada e este por seu turno, é recebido na qualidade de genro.

O namoro assume-se como sendo uma relação estável, onde existe amor, diálogo, companheirismo, confiança, fidelidade, e conta ainda, muitas vezes com o consentimento familiar, o que torna o jovem e a jovem pessoas próximas e, por conseguinte, passíveis de serem integrados às famílias.

Esta proximidade estabelecida, permite que se desenvolva entre parceiros uma fase de maior seriedade, caracterizada pela demarcação de certos limites nas formas de

relacionamento e a eliminação de algumas barreiras e criação de “códigos de conduta” na relação.

Na sequência dos “códigos de conduta” são estabelecidos regras, na maior parte dos casos, verbalizados pelo namorado que servem para determinar fronteiras comportamentais, o que significa, direitos e obrigações dos namorados. Uma vez definidos e implementados estes parâmetros, reforça-se a confiança entre os parceiros.

Deste modo, são abandonadas algumas práticas que anteriormente faziam parte do quotidiano desses jovens. Quanto a eliminação das barreiras⁴, destaca-se o uso do preservativo. Na maioria das vezes, este é abandonado, podendo recorrer à pílula.

“Penso que após a tradicional cerimónia de apresentação onde o rapaz é conhecido na família da rapariga, aí a pessoa está livre e os objectivos são outros, por exemplo, pensar em ter filhos, construir, entre outras coisas” (Beto, 23 anos, 3º ano, do ensino superior, UEM).

A partir desta fala constatamos que neste tipo de relacionamento os parceiros confiam um no outro e, por isso, podem ter relações sexuais sem recorrer ao uso do preservativo. A confiança entre ambos é um dos aspectos fundamentais, pois assume-se que no caso em que um dos parceiros envolva-se com outros parceiros extra-namoro vai usar o preservativo.

Normalmente no namoro, os parceiros envolvidos procuram viver os problemas em conjunto e em alguns dos casos a relação culmina com o casamento entre os parceiros. Espera-se que no namoro os parceiros principalmente os rapazes tenham uma namora, amiga íntima e saca-cena. Enquanto as raparigas tenham simplesmente o namorado.

Relativamente ao namoro os dados são similares ao estudo de Manuel (2010) que afirma que o namoro é um relacionamento particularmente intenso, no qual a namorada efectua visitas regulares a casa do namorado sem nenhum tipo de ressentimento. Enquanto da parte do rapaz envolve certos procedimentos. De igual modo a autora

⁴ Barreira sexual é percebida como sendo o uso de preservativo nas relações sexuais.

refere-se a dois factores principais que caracterizam o namoro. A exposição social e a existência de fortes laços sentimentais.

Das causas do envolvimento com múltiplos parceiros, tanto rapazes como raparigas, referiram que raparigas que se envolvem nesses relacionamentos em busca de recursos financeiros que as permitem obter bens de luxo como, telefones, vestuários, automóveis, entre outros como a satisfação sexual:

“Muitas vezes, as raparigas namoram com muitos homens só porque viu a amiga ou a vizinha com carro ou outro bem de luxo, ela quer tê-lo a todo custo e, como resultado, acaba se metendo com muitos homens. Outras têm muito a ver com as características físicas dos parceiros, de ser atarante” (Ana, 25 anos, 4º ano, UEM).

A partir dessa fala constatamos que as ambições de pretensão de bens de luxo influênciam a muitos jovens, a envolverem-se com múltiplos parceiros. Para essas jovens a satisfação de uma necessidade gera a necessidade de outra. Para satisfazê-las recorrem a diferentes parceiros sexuais.

Para certos estudos, existem várias causas de parceiros múltiplos em Moçambique. Por exemplo, a ocorrência de parceiros múltiplos em níveis relativamente altos em Moçambique pode ser explicada pelas funções sociais de mulheres que encorajam a aceitação de parceiros múltiplos dos homens por um lado e apoio material ou bens de consumo desejados por outro (N´weti, 2008; N´weti, 2009; CNCS (2010).

Deste modo, podemos assim dizer que existem três tipos de relacionamentos sexuais que se estabelecem entre os jovens nomeadamente saca-cena, amizade íntima e namoro.

IV. Práticas sexuais e gestão de relacionamentos múltiplos

Nesta parte de trabalho apresentamos, práticas sexuais e tipos de relacionamentos e os mecanismos de gestão de relacionamentos. Deste modo, começamos por destacar práticas sexuais.

4.2. Práticas sexuais

Um aspecto que merece destaque é a análise da relação entre as práticas sexuais e os tipos de relacionamento. Esta abordagem parte do princípio, segundo o qual, haveria alguma correspondência, embora nem sempre directa, entre algumas práticas sexuais e o tipo de relacionamento.

As práticas sexuais experimentado pelos jovens revela diferenças entre rapazes e raparigas bem como de um elenco de práticas diversificadas tais como, brincadeiras amorosas, masturbação a dois, penetração vaginal, sexo oral e em certos casos, sexo anal.

Relativamente as brincadeiras amorosas são referenciadas como sendo as que envolvem as conversas entre os parceiros, abraços, os beijos, as carícias no corpo da rapariga ou do rapaz, beliscar o corpo da parceira assim como do parceiro. Enquanto masturbação a dois referem-se a carícias dos órgãos genitais dos/a parceiros/as até a ejaculação tanto masculina como feminina.

A maior parte dos rapazes declarou ter tido relações sexuais, que envolvessem a penetração vaginal e sexo oral com as suas namoradas e sexo anal com outras parceiras, como amigas íntimas ou saca-cenas. As raparigas referiram-se, particularmente, ao sexo vaginal e oral como a prática corrente.

Se por um lado, os rapazes referem que no seu repertório sexual fazem esse tipo de práticas sexuais acima mencionadas, por outro lado, estes escolhem o tipo de parceiras com quem devem fazer certas práticas e, na maioria dos casos tem sido com mulheres que não são suas namoradas.

A maior parte dos rapazes e raparigas defenderam que certas práticas como sexo anal devem ser feitas com mulheres como saca-cenas e amigas íntimas. Algumas raparigas, referiram nunca ter praticado sexo anal, mas se for o caso deve ser depois do casamento:

“Eu não aceito um homem qualquer que venha desvirginar o meu ânus. Não digo que não posso fazer sexo anal, mas tem de ser com um homem que sei que será meu marido, pai dos meus filhos. Pois será o presente que irei oferecer após o casamento”. (Sónia, 23 anos, 2º ano de ensino superior, UP).

Em função dos discursos, constatamos que tanto os rapazes como as raparigas apontam, preferencialmente a penetração vaginal durante o acto sexual, confirmando, dessa forma, a percepção dominante de que a actividade sexual está relacionada directamente, a penetração vaginal. Outras formas de práticas sexuais tais como beijos, carícias, sexo oral, são considerados como praticas sexuais que complementam a excitação que conduz à penetração vaginal durante o acto sexual.

As narrativas dos jovens revelam que a ideia do namoro envolve sexo vaginal penetrativo sem nenhum tipo de anticonceptivo o que, conseqüentemente, dispensa o uso do preservativo. Esta situação é motivada pela confiança e fidelidade mútua.

Podemos assim depreender que, esta representação de que os jovens confiam no namorado/a envolvendo-se no sexo penetrativo vaginal sem recurso a nenhum método de prevenção coloca os mesmos numa situação de vulnerabilidade e exposição ao risco de infecção por ITS e HIV, uma vez que estes tem outras parceira/os com as quais fazem sexo sem recurso ao uso do preservativo.

Apesar de alguns rapazes e raparigas terem declarado que o sexo anal é sobretudo praticado com as amigas íntimas e as saca-cenas, o estudo sugere-nos que, torna-se difícil fazer um alinhamento directo entre tipo de relacionamento e prática sexual, na medida em que as práticas sexuais se entrecruzam com diversos tipos de relacionamento. Contudo, estas práticas sexuais que se entrecruzam com vários tipos de relacionamento expõem os jovens a riscos de infecção por ITS e HIV uma vez que nestas práticas sexuais o uso de preservativo de forma inconsistente.

4. 3. Gestão de relacionamentos múltiplos

Como referimos na parte anterior sobre práticas sexuais e relacionamento, nesta etapa analisamos os mecanismos de gestão de tipos de relacionamentos, uma vez que em todos os tipos de relacionamento existem mecanismos que regulam o seu funcionamento. Neste sentido examinamos os mecanismos de gestão usados pelos jovens nos relacionamentos múltiplos tendo em conta as diversas práticas sexuais.

Um dos aspectos importantes no funcionamento dos relacionamentos é o estabelecimento de certas regras cujo objectivo é permitir uma melhor gestão dos mesmos. Estas regras estabelecidas são fundamentais na medida em que constituem o *código de conduta* que prescreve atitudes e comportamentos diversos a adoptar quando se está perante um namorado/a.

A preocupação para o estabelecimento dessas regras ocorre, na maioria das vezes, sob a proposta das mulheres, pois estas são tidas como as que mais se preocupam em dizer ao novo parceiro o estado actual do relacionamento dela e, a partir daí, definirão “balizas” normativas que enformam o funcionamento da relação.

Esta abertura de falar sobre a situação actual na qual ela se encontra, permite que a nova relação não interfira e crie instabilidade na sua relação com o seu namorado. Esta nova relação é conhecida a nível de um grupo restrito de amigas. E perante o namorado esta mente e quando é descoberta na maior parte de casos este relacionamento termina:

Acontece que estas a namorar com alguém, mas depois aparece um tipo que diz estar a gostar de ti e, para não criar problemas entre este último e o seu namorado, tu informas ao segundo que tens namorado. Assim, se ele te encontrar com o seu namorado não vai ter motivos para criar conflitos. Para evitar que isso aconteça abre o jogo antes de mais nada” (Mércia, 20 anos, estudante de 2º ano de ensino superior, UP).

Diante disto percebemos que o envolvimento e gestão de relacionamentos accionada pelas mulheres envolvidas em múltiplos parceiros tendem a ser condicionados pela sua

capacidade de mentir perante o namorado e de falar a verdade as amigas ao novo parceiro.

Os rapazes, embora haja a preocupação em estabelecer regras, os seus relacionamentos são geridos na sua maior parte também com base na sua capacidade de mentir às suas parceiras. E contam a verdade sobre o estado actual de seu relacionamento aos seus amigos. Eventualmente porque esses amigos ajudam na altura em que este é descoberto, conversando com a parceira deste para que a relação se mantenha ou continuem. Portanto, a mentira junto à namorada e ao namorado caracteriza os mecanismos de funcionamento e gestão de múltiplos parceiros por parte dos jovens.

No funcionamento e gestão dos relacionamentos com múltiplos parceiros a duração da relação depende na maior parte dos casos, do potencial de satisfação das necessidades materiais, emocionais ou biológicas que motivaram ao envolvimento do indivíduo.

As relações que tendem a durar são aquelas, em que um dos parceiros, principalmente o homem, possui condições financeiras para manter a relação e/ou onde as necessidades emocionais e biológicas são mais forte, isto é a satisfação nas relações sexuais.

Normalmente, as mulheres envolvem-se com homens fora dos seus namorados na expectativa de conseguir algum bem e, caso esse homem não corresponda com as expectativas, este é abandonado e substituído, possivelmente, por um outro que tenha mais condições financeiras que ele. É verdade que existem casos em que o que conta não são os recursos financeiros, mas sim, necessidades afectivas e de realização biológica” (Vanda, 22 anos, 4º ano do ensino superior, UP).

Na gestão de relacionamentos, a amizade íntima é considerada como sendo uma das relações que leva mais tempo pode ser de meses ou anos devido as características que este tipo de relacionamento ostenta, como o pouco compromisso que existe entre ambos.

V. Riscos da multiplicidade de parceiros e práticas sexuais face as ITS e ao HIV

Nesta parte do trabalho analisamos a exposição ao risco de infecção por ITS e HIV entre jovens. Focalizamos para adesão ao preservativo é muitas vezes avaliada pela sua utilização na primeira relação sexual.

No início de relacionamento as práticas sexuais são feitas com o recurso ao uso de preservativo, mas com a evolução da relação o mesmo gradualmente é abandonado, sendo substituído pela confiança e fidelidade:

“ Usamos o preservativo nos primeiros dias da relação, mas com a evolução da mesma acabamos por abandonar o uso do preservativo. Porque acabei confiando no meu parceiro ” (Mércia, 20 anos, estudante de 2º ano de ensino superior, UP).

O consumo de bebidas alcoólicas é uma prática frequente nos jovens principalmente no contexto estudado. As pessoas consomem álcool pelas mais diferentes razões, entretanto, o consumo de álcool antes do acto sexual nos jovens é comumente justificada pela crença de que o consumo dessa substância poderia favorecer um desempenho sexual desejável.

Além do padrão de consumo de álcool, outro factor associado a prática de sexo sob efeito de álcool é o local onde o indivíduo consome a bebida alcoólica associado com actividade sexual que são aqueles locais que praticam actividades sociais, principalmente nocturnas, como bares, discotecas.

O consumo de álcool no contexto supracitado favorece uma diminuição na capacidade de discernir os riscos associados a infecção pelo HIV, o que dificulta a negociação e, conseqüentemente, o uso do preservativo, facilitando, assim, a exposição do vírus HIV e de outras ITS.

“As vezes vocês estão na discoteca ou em qualquer outro ambiente mas com os copos na cabeça e no calor da relação lá na hora, a pessoa se entrega por

inteiro, ai esquece tudo, as vezes se esquece até do próprio nome, e o preservativo ah, o tipo nem se lembra na hora” (João, 21 anos, 4º ano de ensino superior, UEM).

A partir deste depoimento podemos compreender que o álcool é um factor de risco para infecção por ITS e pelo HIV visto que pessoas que consomem bebidas alcoólicas em contextos nos quais praticam sexo tendem a usar preservativo de forma inconsistente nos actos sexuais.

Relativamente ao consumo de álcool, Stoner *et al*, (2007), afirmam que indivíduos alcoolizados têm mais probabilidade de praticar sexo sem preservativo do que indivíduos não alcoolizados. Estes autores ainda referem que outro factor relevante nessa associação é a quantidade consumida antes ou durante o acto sexual.

Relativamente a probabilidade de infecção, os rapazes tendem a responsabilizar as raparigas. Estes na sua maioria indicam que a possibilidade de contrair o HIV está centrada nas suas namoradas pois são com elas que praticam sexo sem recurso ao método de prevenção, no entanto, vários deles declaram terem tido outras relações sexuais fora do namoro e nem sempre com preservativo.

Existe uma percepção segundo a qual a rapariga é que propaga as ITS e HIV, esquecendo-se que o rapaz também tem por vezes outras parceiras e é potencial transmissor derivado da rede de relacionamentos em que este se encontra.

Os resultados destes estudo aproximam-se aos estudos realizados em Moçambique ao afirmarem que o risco de se infectarem pelas ITS e HIV fica por conta dos terceiros, neste caso as namoradas/os. A busca de explicações distantes e alheias faz com que estes se excluam do cenário, evidenciando deste modo a ideia desses estudos ao sugerir que “ *acreditar que o HIV e SIDA é um problema dos outros também pode significar baixar a guarda em relação à adopção de medidas de prevenção porque afinal, esse problema não faria parte das suas responsabilidades, o que faz com que a maior parte dos indivíduos não se imagine associada ao HIV e SIDA*” (Matsinhe, 2005:145).

Em relação ao uso de preservativo nos primeiros dias da relação e depois abandonado e substituído pela confiança, este motivo foi encontrado em alguns estudos como de (Mussá e Nhamussua 2002; Manuel 2004; Gune 2008). Para esses autores, os jovens excluem o preservativo nas relações consideradas estáveis, construídas sobre o amor e a confiança. Portanto, as práticas e experiências sexuais desses jovens, são vivenciadas e protegidas pela confiança.

Com base nos aspectos referenciados podemos observar que, o uso inconsistente do preservativo entre os e as jovens, a ausência da realização de teste de HIV, o envolvimento com múltiplos parceiros e sexo anal sem o recurso ao preservativo são alguns factores que acabam colocando os jovens a exposição de risco por ITS e HIV pois, o facto de eles não terem realizado o teste acabam a não conhecer o seu estado serológico o que poderá resultar na propagação de uma ITS pela existência de trocas constantes de parceiros sexuais.

VI. Considerações finais

No trabalho analisamos os relacionamentos, práticas sexuais e a exposição ao risco de infecção por ITS e HIV entre um grupo de jovens. Adoptamos a perspectiva teórica de vulnerabilidade que forneceu elementos para avaliar objectivamente as diferentes possibilidades que cada indivíduo ou grupo populacional particular tem de se contaminar, dado o conjunto formado por certas características individuais e sociais de seu quotidiano, julgadas relevantes para maior ou menor probabilidade de protecção diante do problema (Barbosa e Parker, 1999).

Esta teoria enfatiza que para a avaliação da vulnerabilidade deve se ter em conta o contexto concreto no qual os indivíduos se situam e um conjunto de múltiplos factores em interacção. O que nos permitiu concluir que os jovens estão expostos a vulnerabilidade individual devido as influências das suas sociabilidades e os comportamentos que adoptam face aos diversos tipos de relacionamentos, práticas sexuais e mecanismo de gestão de ITS e HIV.

Nestes relacionamentos os jovens combinam alternadamente saca-cena, amizade íntima e namoro, cada um dos quais com um conjunto diferenciado de práticas sexuais. Assim, nos relacionamentos de saca-cena e amizade íntima os jovens praticam sexo oral, vaginal e anal. No relacionamento de namoro os jovens praticam sexo oral e vaginal. Apesar de os jovens advogarem que em cada tipo de relacionamentos tem praticas sexuais específicas, verifica-se que por vezes o critério de especificidade de práticas em cada relacionamento apresenta inconsistência. Assim, será que em cada tipo de relacionamento existem práticas sexual específicas? E se existir, a (o) saca-cena de um (a) jovem não pode ser namorada de um outro? Questionamentos como estes demonstram a complexidade da revelação da intimidade.

Nos relacionamentos de saca/cenas e amizade íntima o preservativo depois de ser usado numa relação inicial durante a prática do sexo vaginal e anal, o mesmo deixa de ser usado com a evolução da relação e isto acontece num contexto marcado por infecção de HIV. Assim, o facto de estes jovens praticarem sexo anal, vaginal e oral onde os mesmos não fazem o teste de HIV, usam o preservativo de forma inconsistente devido a confiança ou não nos seus parceiros/as e de terem vários parceiros sexuais contribuem para o aumento ao risco de infecção por ITS e HIV destes jovens.

Referências

BARBOSA, RM; PARKER, R. (1999). *Sexualidade pelo Averso, Direitos, Identidades, e Poder*. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social.

DOWSETT, GW, Aggleton, P., Abega, S., Jenkins, C. Marshall, T., Runganga, A., Schifter, J., M. Teixeira, e Meng Tarr, C. (1998) *As relações de gênero entre os jovens Mudança: o desafio global para HIV / AIDS prevenção*. *Críticos de Saúde Pública*, 8, 291-310.

GUNE, E.(2008). *Momentos Liminares: dinâmica e significados no uso do preservativo*. *Análise Social*, XLIII (2.º), 297-318.

FUNARI, S. L (2003) *Sexo oral e HIV entre homens que fazem sexo com homens*, *cadernos de saúde pública*, 19: 1841-1844

LAMBDA, (2010) *Estudos Sobre Vulnerabilidade e Risco de Infecção pelo HIV entre Homens que fazem sexo com homens na Cidade de Maputo*, 1º edição, Maputo.

MALOW, R.M.; Dévieux, J.G.; Rosenberg, R.; Samuels, D.M.; Jean-Gilles, M.M. (2006) *Alcohol use severity and HIV sexual risk among juvenile offenders*. *Subst Use Misuse* 41(13): 1769-1788.

MANN, J; TARANTOLA, DJM; NETTER, TW. (1992). *Aids in the world*. Cambridge, Havard University Press.

MANUEL, S (2010). *Presentes perigosos: dinâmicas de riscos de infecção ao HIV/AIDS nos relacionamentos de namoro em Maputo*, *Psysis Revista de saúde colectiva*, rio de Janeiro.

MANTEUFFEL, BA; Dilorio, CK; Soet, J; willian, D; Torrance, S. (1996). *Predictors of Preference for alcohol use with sexual intercourse among white and African college students*. Vancouver: XI Conference on AIDS, 17-19.

MATSINHE, C (2005). “Tabula Rasa”: Dinâmica da Resposta Moçambicana Contra HIV/SIDA.

N’WETI, Comunicação para a Saúde. (2008). Multiple Concurrent Partnerships HIV/SIDA.

N’WETI, (2009) Estudos de Base- Projecto African Transformation.

KALICHAMAN, S.C.; Simbayi, L.C.; Kaufman, M.; Cain, D.; Jooste, S. – Alcohol use and sexual risks for HIV/Aids in sub-Saharan Africa: systematic review of empirical findings. *Prev Sci* 8 (2): 141-151, 2007b.

KARLYN, A. (2005) . Intimacy revealed: Sexual experimentation and the construction of risk among young people in Mozambique. *Culture, Health & Sexuality* 7, no. 3: 279–92.

PARKER, R. e GAGNON, JH (1995) *Conceber Sexualidade: Métodos de pesquisa do sexo em um Mundo Pós-moderno* (Londres e Nova York: Routledge).

RASOOL, R (2009), *Um amor... um Parceiro*, vol, 15.

SILVA, PF. (2000). *O dono do bar e os bebedores exemplares*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; (Relatório de Pesquisa).

SILVEIRA, C.M.; Wang, Y.P.; Andrade, A.G.; Andrade, L. - Heavy drinking in the São Paulo epidemiologic catchment area study in Brazil: gender and socio-demographics correlates. *J Stud Alcohol*, 68: 18-27, 2007.

SMITH, A. et al. (2009) Men who Have Sex with Men and HIV and AIDS in Sub-Saharan African. *The Lancet*. DOI: 1016/0s0140-6736 (09) 6118-1

STONER, S.; George, W.H.; Peter, L.M.; Norris, J. - Liquid courage: alcohol fosters risk sexual decision-making in individuals with sexual fears. *Aids Behavior* 11: 227-237, 2007.

TRIVINOS, Augusto (1987). Introdução a pesquisa em ciências sociais, Atlas, São Paulo.